



ALINE CARVALHO DA CRUZ¹
VIVIANE INÊS MÜLLER²
GABRIEL JAEGER³
MARCO ANTÔNIO SILVA⁴
NILMA GARCIA SILVA ATTA⁵
FERNANDA VIANA DA SILVA⁶

O Homem, a Tecnologia e o Desaparecimento dos Rituais

Man, technology, and the disappearance of rituals

ARTIGO 5

66-79

1 Graduada em Antropologia do Centro Universitário Leonardo da Vinci (Uniassevi).

2 Graduada em Antropologia do Centro Universitário Leonardo da Vinci (Uniassevi).

3 Graduada em Antropologia do Centro Universitário Leonardo da Vinci (Uniassevi).

4 Graduada em Antropologia do Centro Universitário Leonardo da Vinci (Uniassevi).

5 Graduada em Antropologia do Centro Universitário Leonardo da Vinci (Uniassevi).

6 Cientista Social e Tutora externa do Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI, do Curso de Bacharelado em Antropologia.
E-mail: fernandacienciasociais@hotmail.com.

RESUMO: De acordo com o olhar de um antropólogo, a tecnologia e o homem despertam inúmeras questões a serem discutidas para que o homem, de acordo com sua natureza, não perca a própria humanidade. Este artigo explora as complexas interações entre o ser humano e a tecnologia, destacando os desafios de manter a humanidade em um mundo cada vez mais tecnológico. Byung-Chul Han (2021) discute a perda dos rituais devido ao uso intensificado das redes sociais, resultando na falta de contemplação e celebração de conquistas. Rebeca Bryant e Daniel Knight (2019) examinam como a tecnologia molda relações teleoafetivas, influenciando comportamentos através do contexto social. As redes sociais são um exemplo claro dessa influência, moldando e alterando modos de vida. Charles Chaplin, em “Tempos Modernos” (1936), criticou a mecanização do trabalho, destacando a perda de autonomia dos trabalhadores na Revolução Industrial. Trindade e Nosella (2010) discutem a substituição de trabalhos manuais por processos automatizados, consequência do avanço tecnológico impulsionado pelo capitalismo. A mídia, a ficção e os padrões sociais também desempenham um papel significativo na modelagem do comportamento humano nesta era tecnológica.

Palavras-chave: Consumo. Ritual. Tecnologia. Trabalho. Modos de produção.

Abstract: According to the perspective of an anthropologist, technology and man raise countless questions to be discussed so that man, according to his nature, does not lose his own humanity. This article explores the complex interactions between humans and technology, highlighting the challenges of maintaining humanity in an increasingly technological world. Byung-Chul Han (2021) discusses the loss of rituals due to the intensified use of social media, resulting in a lack of contemplation and celebration of achievements. Rebeca Bryant and Daniel Knight (2019) examine how technology shapes teleoffective relationships, influencing behaviors through social context. Social networks are a clear example of this influence, shaping and changing ways of life. Charles Chaplin, in “Modern Times” (1936), criticized the mechanization of work, highlighting the loss of autonomy of workers in the Industrial Revolution. Trindade and Nosella (2010) discuss the replacement of manual work with automated processes, a consequence of technological advances driven by capitalism. Media, fiction, and social standards also play a significant role in shaping human behavior in this technological age.

Keywords: Consumption. Ritual. Technology. Work. Production modes.

INTRODUÇÃO

O homem, por ser inquisitivo e criativo, está sempre buscando meios de melhorar as condições de vida e, ao mesmo tempo, dominar o ambiente em que vive. Na evolução do homem, a tecnologia surge inovando e superando limitações. Mas essa relação do homem com a tecnologia é muito complexa porque penetra em todos os aspectos da vida humana. A partir desse olhar do homem e da tecnologia, temos um grande campo de estudo na antropologia, na sociologia, na engenharia e na psicologia. Fazendo essas interações, podemos compreender melhor os aspectos dessa relação homem e tecnologia, porque envolve muito mais que o uso de ferramentas, mas também questões econômicas, éticas, sociais e existenciais. Vivendo em uma sociedade marcada pela aceleração da tecnologia, as inovações estão mudando a forma como vivemos e o próprio significado do que é ser humano.

O aumento da dependência tecnológica nos remete a questões e preocupações muito grandes sobre o impacto na sociedade e na natureza humana. Essa automação tecnológica ameaça empregos tradicionais, a receita pronta, mostrada passo a passo, e os procedimentos necessários para a realização de algo influenciam muitas de nossas decisões, e as tão populares redes sociais redefinem nossos relacionamentos sociais. Mas, ao mesmo tempo, a tecnologia possibilita contribuições na educação, na comunicação e no progresso científico. O filósofo Byung-Chul Han (2021) apresenta com muita maestria a questão do desaparecimento dos rituais na sociedade contemporânea. Na cultura do individualismo, muitos dos rituais que faziam parte da vida cotidiana estão desaparecendo em nome de uma cultura da eficiência e da produtividade. Ele volta o olhar para um papel impor-

tante na comunicação e criação das comunidades, onde elas nos fornecem identidade e vínculo.

O consumo muito rápido nos leva a uma busca infinita por novidades. Byung-Chul Han (2021) diz que essa falta de rituais na vida das pessoas gera uma alienação e uma falta de significado na vida de todas as pessoas. Sem esses rituais que fortalecem nossos laços com as outras pessoas, nos sentimos perdidos e desconectados. É muito importante reatar novas ou antigas maneiras de nos conectarmos para que não percamos o sentido real da humanidade, do homem enquanto humano, sendo um ser que traduz na sua essência afetividade, alegria e felicidade.

Os escritores Paolo Nosella e Gestine Cássia Trindade (2010) escrevem muito bem, fazendo uma análise sobre a transformação no mercado de trabalho atual. Buscam as mudanças que a globalização provoca nos inúmeros trabalhos existentes e nos que estão deixando de existir. Explorando também a própria automação e os avanços tecnológicos que têm transformado nossas profissões no mundo inteiro. Assim como a tecnologia traz desafios, também traz oportunidades. O homem e a tecnologia têm um relacionamento que se mescla entre o dinâmico e o complexo, pois apresentam benefícios e implicações que podem desequilibrar o futuro. Tanto que hoje já podemos perceber o quanto a natureza está sofrendo com a ação do homem, o exagerado número de fábricas e suas fuligens que prejudicam o curso natural da fauna e flora, assim como prejudica a saúde do próprio homem.

Na comunicação, houve um grande avanço, permitindo rápidas conexões globais. Os e-mails, mensagens, redes sociais e videoconferências. A inteligência artificial e a automação mudam as formas de trabalho, deixando algumas sem existir mais e outras novas que se incorporam ao mercado de trabalho contemporâneo. Um grande número de ferramentas novas e recursos digitais que estão permitindo o acesso à aprendizagem. Podemos facilmente ter acesso aos livros ou conteúdos

educacionais a qualquer hora ou em qualquer lugar. Também na saúde já nos deparamos com inúmeras inovações e avanços. Na telemedicina e na biotecnologia, prolongando a vida e melhorando os cuidados.

Neste trabalho, através desse contexto, buscamos questionar a nossa posição em relação às tecnologias. Os autores Byung-Chul Han (2021), com o livro sobre o Desaparecimento dos Rituais; “Uma breve História do Tempo”, de Stephen Hawking (2018), Yuval Noah Harari, em “Uma breve história da humanidade” (2015), e Rebecca Bryant & Daniel M. Knight, em “Anthropology of the Future”, servirão como base para nossas reflexões.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Quando pensamos em antropologia, geralmente nos deparamos com uma disciplina que visa observar e compreender as relações humanas através da observação sistemática e participante, portanto, direcionada ao tempo presente. Porém, quando analisamos as relações entre o homem, a tecnologia e o desaparecimento dos rituais, precisamos voltar ao passado para entender e esclarecer algumas questões. Buscamos primeiramente, por uma definição de rito e ritual. De acordo com o dicionário Michaelis (2015), temos:

RITUAL:

- Relativo ou pertencente a rito.
- Semelhante a um rito, conforme um rito.
- Livro que contém os ritos e as formas a serem observadas em cerimônias religiosas.
- A cerimônia religiosa; culto, liturgia.
- Os atos e o conjunto de práticas próprios de qualquer rito cerimonial.
- Conjunto das regras sociais estabelecidas que regulam certos atos solenes ou oficiais; cerimonial, protocolo e rito.

Rito:

- Conjunto das cerimônias e regras a serem observadas na prática de qualquer religião, seita etc.; liturgia.
- Qualquer religião, culto ou seita.
- Qualquer processo e prática de caráter sagrado ou simbólico, capaz de determinar e desenvolver costumes.
- Conjunto das cerimônias e das regras cerimoniais de cada sistema maçônico.
- Cerimônia que obedece a normas estabelecidas socialmente.
- Comportamento repetido e invariável, mantido por um indivíduo na realização de determinada coisa ou atividade; costume, hábito.
- Conjunto de procedimentos formais a serem observados para validar um ato jurídico.

EXPRESSÃO:

Rito de passagem: cerimônia de celebração de acontecimento marcante na vida de um indivíduo ou grupo, como o término de uma fase ou o começo de outra, especialmente a passagem da adolescência à vida adulta.

Como podemos ver, são definições muito simples perante toda a teoria antropológica, o que nos levou a buscar alguns teóricos que abordem esse conceito de forma mais profunda. Presentes na humanidade há milênios, há indícios de que os rituais foram uma das primeiras manifestações propriamente humanas, o que nos levou a diferenciarmos-nos dos nossos ancestrais primatas. Joseph Campbell, em “As transformações do Mito Através do Tempo” (1990), aponta o que poderia ser o primeiro objeto relacionado a um ritual na humanidade:

Dispomos também de instrumentos dessa época, cerca de 500.000 a.C. – instrumentos práticos. Se os macacos fossem capazes de manipular a pedra e

quebrá-la, seus instrumentos deveriam ser utensílios desse tipo. Existe, porém, um instrumento particular que, na minha opinião, representa a emergência de um tipo humano de consciência – o nascimento, poderíamos dizer, da vida espiritual – e que nenhum animal jamais poderia ter inventado. Esse instrumento, também datado de 500.000 a.C., foi encontrado às margens do rio Tâmsa. Com seis ou oito polegadas de comprimento, é demasiado grande para ter alguma utilidade [...]. Há dois tipos de humanos. Há o ser humano animal, prático, e o ser humano susceptível de deixar-se seduzir pela beleza divinamente supérflua. Eis a diferença. Este é o primeiro gérmen de uma preocupação e de uma necessidade espiritual, as quais os animais são inteiramente alheios. Como seu tamanho é exagerado para alguma finalidade prática, sugeriu-se que esse utensílio teria sido utilizado em alguma espécie de ritual.

Campbell (1990) destaca a importância dos ritos como uma forma de estruturar e normatizar a vida em sociedade, seja buscando explicações para fenômenos ainda incompreendidos, criando meios para se obter um controle social, ou ainda, marcando as fases de desenvolvimento de um indivíduo, como a passagem da infância para a vida adulta. O conjunto desses ritos é denominado pelo autor como cultura. “É na cultura que aprendemos a desenvolver os comportamentos necessários à sustentação da vida” (Campbell, 2001).

Nesse sentido, os ritos seriam uma forma de o indivíduo encontrar o seu papel na sociedade. Com o desenvolvimento da sociedade, os ritos foram tomando forma, de acordo com a cultura vivida em cada época. Os caçadores-coletores tinham ritos relacionados principalmente aos animais, como as formas de caçar e preparar a carne. Já com o surgimento da agricultura, aparecem os ritos relacionados ao plantio e à colheita.

E a partir do surgimento das cidades, os ritos foram ficando mais complexos e elaborados, fazendo parte de toda a vida em sociedade, e não apenas da religião. Segundo Peirano (2003 *apud* Veras, 2022), “a natureza dos eventos rituais não está em questão: eles podem ser profanos, religiosos, festivos, formais, informais, simples ou elaborados”, e seu principal objetivo é comunicar e expressar algo através de símbolos, seja através da linguagem verbal ou de gestos, de forma padronizada e repetitiva, e com regras (rígidas ou não) a serem seguidas. Se o conjunto de ritos e rituais forma uma cultura, o conjunto das culturas de determinado lugar forma uma sociedade com as suas tradições, o que a faz se distinguir das outras sociedades.

Ao analisar os rituais e a forma como evoluíram em nossa sociedade, percebemos que as mudanças eram lentas e graduais na antiguidade, e que após a revolução industrial e a segunda guerra mundial, essas mudanças estão acontecendo de uma forma cada vez mais veloz. É muito importante entender o que Byung-Chul Han (2021) quer dizer como ritual, para compreender a sua análise. Ele descreve como rituais as práticas que se repetem na sociedade e que têm grande significado, conectando as pessoas a uma determinada comunidade e aos costumes da mesma. Rituais não são simples usos, são ações com muito simbolismo, dando sentido à vida. Assim como os rituais possibilitam a sensação de pertencimento e dão continuidade à cultura, o que a sociedade moderna, com o olhar direcionado apenas para a eficiência e no indivíduo, tem abandonado.

Conforme os argumentos de Han (2021), os rituais são importantes para a formação de vínculos e na construção da identidade. Com a ausência dos rituais, a vida fica em pedaços, repartida, e as pessoas muito isoladas umas das outras. A falta de rituais ajuda na crise de identidade e no acréscimo de doenças mentais nos grupos modernos de hoje em dia. A falta das práticas dos rituais causa uma lacuna que pode ser completada pelo consumo

exagerado e por comportamentos compulsivos. A desvalorização dos rituais para Han (2021) se dá através de uma modernidade embasada na eficiência e na racionalidade. As redes sociais, com o avanço da tecnologia, deram lugar às formas tradicionais de celebração e interação. A solenidade e a profundidade dos rituais se distanciam da comunicação instantânea e superficial.

As relações humanas se tornam descartáveis, a sociedade de consumo estabelece uma cultura da novidade constante. O livro de Han (2021) faz críticas à vida de aparências da era moderna, onde os eventos de consumo substituem os rituais. Até as festas religiosas estão perdendo o valor simbólico, levadas pelo consumismo. Essa perda total dos rituais acarreta grandes falhas na saúde mental e na harmonia social. A falta de conexão com o passado e com o contato real das pessoas entre si conduz a uma grande alienação e sentimento de vazio.

De acordo com Han (2021), a sociedade perde muito com o desaparecimento dos rituais. O coletivo deixa de existir, não celebramos e nem lamentamos juntos, o que é muito importante para a construção dos vínculos na sociedade. Sem os rituais, acabamos por não conseguirmos nos engajar em atividades com foco e profundidade, porque os rituais tradicionais tinham importante relevância na estrutura do tempo e da nossa atenção. A solução seria revitalizar os rituais. Não retornar ao passado, mas criar novos rituais que sejam adaptados ao mundo moderno. Devemos conseguir fazer parte de rituais que possibilitem uma verdadeira conexão, despertando solidariedade e reflexão. Mas e se antropólogos analisassem no presente condições que sinalizam certos cenários em relação ao futuro?

Se considerarmos a relação da antropologia com o presente e, portanto, com a temporalidade, como algo fundamental para a história e o desenvolvimento da disciplina, uma nova atenção ao futuro certamente significa um novo tipo de antropologia (Bryant; Knight, 2019, p.

193) [tradução do original em inglês por Gabriel Jaeger, coautor].

Assim, o olhar de uma antropologia do futuro pode, através de sua abordagem metodológica, avaliar possíveis cenários do que ainda está por vir através da observação do que vai se apresentando e sendo semeado no dia a dia contemporâneo. Pensamentos, valores, desejos, evitações, estruturas e normas sociais são alguns elementos básicos que orientam nosso comportamento, nossas buscas e nossa atuação no mundo, bem como nossos estilos de vida e rituais cotidianos. A presença humana gradualmente vai construindo e cultivando modos de viver e se relacionar, desenvolvendo assim uma cultura. Bryant e Knight, em “Anthropology of the Future”, afirmam que:

Estamos constantemente antecipando, expectando, esperando e especulando sobre - e assim vivendo - o futuro na vida cotidiana. Essas orientações para o futuro, sugerimos, devem ser melhor incorporadas em nosso conjunto de ferramentas metodológicas e analíticas (Bryant; Knight, 2019, p. 192) [tradução do original em inglês por Gabriel Jaeger, coautor].

Portanto, no que diz respeito à relação do homem e da tecnologia, podemos ver essa relação na forma como percebemos e interagimos com o meio em que vivemos e como percebemos, organizamos e nos relacionamos com o tempo em nossas vidas. Desta forma, na relação com esse espaço e tempo, um conjunto de propósitos e aspectos afetivos passa a influenciar o comportamento humano e a moldar as práticas e hábitos cotidianos, sendo assim configurados através de estruturas teleoafetivas (Bryant; Knight, 2019).

Estas estruturas são definidas como arranjos emocionais e orientam as interações humanas, estabelecendo metas e propósitos que podem ser compartilhados com outros indivíduos, dire-

cionando suas ações e comportamentos e são influenciadas pelo contexto social, valores e práticas culturais. São exemplos de estruturas teleoafetivas as relações familiares, que envolvem cuidado e apoio mútuo, e as relações de trabalho, onde se têm metas a alcançar e se exige cooperação e confiança para atingir essa meta.

Mas não temos o livre-arbítrio de fazer escolhas racionais a partir dos fatos que vão se apresentando em nossas vidas a nível individual, coletivo e social, e no que diz respeito ao que queremos no futuro a nível profissional e social? Nossa própria razão parece ser influenciada por condições sociais e capacidades individuais que moldam e modulam a formação de nossos pensamentos.

Nossas emoções e sentimentos provocam uma maior rejeição, neutralidade ou atração a certas direções, relações e coisas, o que limita o espectro daquilo que podemos imaginar e raciocinar a partir de um repertório de referências não correspondentes à infinitude de possibilidades, mas às alternativas que são possíveis ser pensadas a partir da limitação do conhecimento de cada uma das condições que se vive. Bryant & Knight, em “Anthropology of the Future”, comentam que:

A estrutura teleoafetiva guia a orientação futura ao fornecer um conjunto de fins endossados e aceitáveis para os quais as pessoas podem mirar. Em alguns casos, como durante campanhas eleitorais, a estrutura teleoafetiva também pode ser canalizada por meio de retórica política ou das “tecnologias de imaginação”. [...] “Dependendo da natureza do tempo e espaço vernacular, a estrutura teleoafetiva apresenta às pessoas projetos, caminhos recomendados e futuros a aspirar, projetando o futuro no presente e dando-lhe uma essência vibrante como algo que não apenas deve ser buscado, mas também é alcançável (Bryant; Knight, 2019, p. 195) [tradução do original em inglês por Gabriel Jaeger, coautor].

Que momento é esse em que o futuro começa a ser elaborado no presente? Aqui, o antropólogo precisa de uma pausa, uma parada para olhar esse momento em que ele mesmo constrói sua narrativa futura daquilo que ele mesmo contempla. Entendendo como isso é processado e manifesto em sua própria cognição, vislumbra de forma mais clara como se dá este processamento naqueles que ele observa, abrindo as portas não somente para uma antropologia do futuro, mas também para uma antropologia reflexiva, que reflete o próprio mundo interno teleoafetivo daquele que observa e daqueles que são observados, uma observação participante onde a introspecção é inevitável, ao trazer consciência para os referenciais que moldam e condicionam nosso movimento seguinte:

O intervalo em que o limiar entre o presente e o futuro é transcendido, mesmo que temporariamente, é precisamente o momento em que se encontra o terreno mais fértil para a construção do futuro. Claro, este momento constantemente se move conosco enquanto avançamos em direção ao horizonte temporal, mas é aqui, no limiar, que a perplexidade, a incerteza e a imaginação residem. [...] A pausa momentânea ao cruzarmos o limiar é onde congregamos a percepção do presente, a memória do passado, as perspectivas do futuro e todos os afetos que compõem a vida (Bryant; Knight, 2019, p. 196) [tradução do original em inglês por Gabriel Jaeger, coautor].

Este entrelaçamento entre nossas esperanças e medos, nossas vontades e evitações, e as condições pelas quais nossas relações com o meio se estabelecem nos influenciam e são determinantes. Mas não são fixas, cada condição e momento encontra novas relações e condições, que por sua vez provocam cenários muitas vezes distantes de nossa imaginação e expectativa inicial. O fluxo é mutável e se molda a cada passo. É incerto e indeterminado pela própria natureza deste entrelaçamento

que escapa ao nosso domínio pessoal e às nossas forças individuais. Por isso, há a necessidade de questionarmos e refletirmos sobre o momento e as condições presentes, bem como avaliar condições do passado que provocaram cenários tanto favoráveis quanto desfavoráveis em nosso planeta. Aqui encontramos uma relação profunda da reflexão antropológica com a temporalidade – com o passado, o presente e o futuro.

Antecipação, expectativa, especulação, potencialidade, esperança, e destino, se entrelaçam para informar o momento de tomada de decisão (ou não decisão) (ver Knight e Stewart 2016: 11). Em momentos de decisão e não decisão e de ação e inação, uma projeção ou imaginação do futuro borbulha no presente e influencia o que fazemos; o tempo se abre para além de nós mesmos, fornecendo “uma atmosfera na qual somente a vida pode germinar e com a destruição da qual ela deve desaparecer” (Nietzsche 1997: 68). Isso quer dizer que os horizontes em mudança do sempre mutável “agora” significam que as orientações sempre permanecem em fluxo (Bryant; Knight, 2019, p. 199) [tradução do original em inglês por Gabriel Jaeger, coautor].

Uma vez que nossas orientações permanecem em fluxo, temos que abrir espaço também para o imprevisível. Soltamos uma flecha numa certa direção, mas não temos como calcular os ventos pelos quais ela irá atravessar e que a influenciarão na direção que ela irá seguir. E como seria este espaço incerto na relação do homem com a tecnologia, com as profissões em desaparecimento e com o campo de trabalho do futuro? A tecnologia avança rapidamente, trazendo inovações que transformam radicalmente nossa vida e trabalho.

A introdução de tecnologias como inteligência artificial (IA), automação e internet das coisas

(IoT) cria oportunidades inéditas e provoca imensos desafios. Em “Rise of the Robots: Technology and the Threat of a Jobless Future”, Martin Ford fala que IA, por exemplo, pode aumentar a eficiência e produtividade, mas também levanta questões sobre privacidade, segurança e a necessidade de requalificação da força de trabalho (Ford, 2015). E como humanos competirão com as máquinas? Isso abre espaço para novas profissões que exigem habilidades que máquinas não replicam. Nossa capacidade de adaptabilidade, resiliência, inteligência emocional e criatividade será crucial nas sociedades do futuro.

Um exemplo relevante de capacitação profissional do futuro neste campo é o método *Kindfulness In Company*: Transformação Pessoal e Impacto Corporativo, desenvolvido pelo Instituto de Ciências Contemplativas do Brasil (ICC). Este método, baseado no programa de formação de instrutores em Kindfulness: Mindfulness Integral e Harmonia Emocional, enfatiza práticas que promovem foco, clareza, estados mentais positivos e habilidades socioemocionais, capacidades essenciais para enfrentar os desafios impostos pela tecnologia e as necessidades de uma educação e capacitação voltada às competências socioemocionais (Freitas; Marin, 2022).

Aqueles que se ajustarem rapidamente às mudanças tecnológicas terão vantagem, o que exige não apenas novas habilidades técnicas, mas também competências emocionais e sociais para navegar em ambientes de trabalho complexos e colaborativos. Estas competências socioemocionais nos capacitarão a gerenciar melhor o que Bryant & Knight colocam que precisamos considerar: o poder de impacto e direcionamento que também a mídia, a economia, a política e a cultura têm e não podem ser desconsideradas na pesquisa antropológica sobre o passado, o presente e o futuro na relação com os avanços tecnológicos, a educação e a capacitação profissional do futuro.

A visão mágica do futuro do outro lado do limiar também pode ser promovida ativamente através de tecnologias de imaginação, como no caso da propaganda burocrática indiana durante mudanças econômicas estruturais, conforme descrito por Bear (2015a), ou pela capacidade da retórica produzida pelos bancos centrais de influenciar de forma perceptível os mercados financeiros e a atividade do consumidor, como mencionado por Holmes (2013). Há um poder imenso nos reinos fantásticos da televisão, do cinema e da cultura popular para moldar as orientações para o futuro. Tecnologias lançadas pela primeira vez na imaginação pública durante programas de televisão de ficção científica da década de 1960 trouxeram o futuro para o presente, inspirando toda uma geração de cientistas e inventores a ten-

tar transformar a ficção científica em realidade, materializando esses futuros como parte de sua realidade (por exemplo, Battaglia 2005b) (Bryant; Knight, 2019, p. 200) [tradução do original em inglês por Gabriel Jaeger, coautor].

Enquanto antropólogos, uma das nossas motivações é compreender como as mudanças tecnológicas e sociais influenciam a vida humana. Tim Ingold, em “Antropologia: Para que serve?”, destaca a importância de uma antropologia futura que seja especulativa e experimental, e que tenha o potencial de transformar vidas (Ingold, 2019, p. 103). No mesmo sentido, é fundamental reconhecer como as competências socioemocionais se tornam essenciais em um cenário em que a mecanização e a automação ameaçam a autonomia e o controle dos trabalhadores.



Figura 1. Em Tempos Modernos (1936), personagem de Charles Chaplin é engolido por máquina
Fonte: <https://www.poder360.com.br/opiniaio/tempos-modernos-por-demostenes-torres/>

Há quase 100 anos, antes de se inventar o computador, o filme “Tempos Modernos”, de Charles Chaplin (1936), já fazia uma severa crítica à mecanização do trabalho, aos efeitos da industrialização e expondo as falhas de um sistema econômico, mostrando a perda de controle e de autonomia dos trabalhadores. Enquanto na indústria o traba-

lho é repetitivo e cansativo, trabalhadores locais e artesãos, que tinham seus ofícios sendo passados de geração em geração, vão perdendo espaço para as grandes corporações, nas quais são exigidos cada vez mais conhecimentos para se operar uma máquina. Em nosso modelo capitalista, onde se tem como ideal o acúmulo de riqueza, aparece

uma nova necessidade - a produtividade, a expansão do capital e o desenvolvimento acelerado dos recursos para a realização disso.

Em busca deste objetivo, muitas profissões foram e estão desaparecendo frente à ofensiva deste modelo onde a produtividade tem um valor maior do que a saúde coletiva e a humanidade, onde “a antiga sociedade salarial, industrial, manual, conflitual e negociadora deu lugar a uma nova, terceirizada, informatizada, menos conflitual, mas menos regulada” (Dubar, 2006, p. 92).

No capitalismo, podemos observar que o desenvolvimento da tecnologia melhora a produtividade visando aumentar o próprio lucro sem considerar a saúde dos trabalhadores e as necessidades da sociedade, onde ocorrem transformações progressivas no campo das profissões, substituindo certos trabalhos de ofício por maquinaria, configurando uma nova necessidade de especialização na área tecnológica (Trindade; Nosella, 2010).

Há muitos empregos, tanto relacionados à esfera da produção como à esfera dos serviços, que deixaram de existir porque as demandas da economia já não mais os requerem. Por outro lado, novos empregos reclamam por profissionais não incorporados pelos empregos extintos ou que se encontram em vias de desaparecimento em razão da exigência pela diplomação, formação e qualificação profissional impostas pelas tecnologias da indústria de ponta, pela expertise e pela filiação (Trindade; Nosella, 2010, p. 89).

Nessa relação e integração do ser humano com a tecnologia, percebemos certas distinções no que diz respeito à capacidade humana e à capacidade das máquinas. De acordo com Yuval Noah Harari (2018, p. 41):

Humanos têm dois tipos de habilidades: física e cognitiva. No passado, as máquinas competiram com humanos principalmente em habilidades físicas,

enquanto os humanos se mantiveram à frente das máquinas em capacidade cognitiva [...]. No entanto, a IA (Inteligência Artificial) está começando agora a superar os humanos em um número cada vez maior dessas habilidades, inclusive a de compreender as emoções humanas.

Portanto, as máquinas não só estão substituindo trabalhos manuais, como a produção de alimentos no campo das habilidades físicas, mas também no campo das habilidades cognitivas. Por exemplo, tradutores estão sendo substituídos por plataformas de inteligência artificial que fazem o trabalho de interpretação e tradução de outras línguas para nossa língua materna. Quando olhamos para o presente, esquemas mentais, expectativas e metas futuras provocam nosso comportamento presente. Somos influenciados pela mídia, pela ficção científica, pelos padrões sociais, pela estrutura e educação familiar, por crenças e valores pessoais.

Na tradição heideggeriana, defendemos que o futuro desperta o presente. A orientação para o futuro é parte de quem somos e de como experimentamos a vida cotidiana [...] constantemente preparamos o terreno para o futuro por meio de pensamentos e desejos enquanto nos esforçamos para atualizar a potencialidade (Bryant; Knight, 2019, p. 201).

Dessa forma, ao observarmos o tecido social, notamos que ele está se moldando e adaptando às novas eras e condições tecnológicas. Não podemos ignorar as valiosas contribuições do sociólogo Bauman, que nos fala sobre o mundo líquido. Começamos por um questionamento deste grande pensador contemporâneo às redes sociais:

[...] se a ideia de “sociedade aberta” era originalmente compatível com a autodeterminação de uma sociedade livre

que cultivava essa abertura, ela agora traz a mente da maioria de nós a experiência aterrorizante de uma população heterônoma, infeliz e vulnerável, confrontada e possivelmente destacada por forças que não controla nem entende totalmente (Bauman, 2007, p. 13).

O autor nos chama a atenção para redes sociais, os avanços tecnológicos e a efemeridade da vida. Para Harari (2015), a inteligência artificial é outra questão que precisamos entender. Esta tecnologia muda a vida cotidiana, ela pode tomar decisões sobre nós; Harari nos mostra como nossa privacidade está exposta nas redes on-line e como somos dependentes. A inteligência artificial tem o poder de construir e destruir a humanidade. Harari – “Uma nova geração de pessoas deve surgir até 2050: “a geração dos inúteis” (Época Negócios, 2018), este é o entendimento de um judeu ateu, diante dos fatos.

Stephen Hawking (1942-2018) segue a mesma linha, via o universo sem a intervenção de Deus. Para ele, o cérebro é um computador e a nossa inteligência é a capacidade de se adaptar. Ele argumenta, baseado em princípios científicos, que as leis da física, como a teoria da gravidade e do Big Bang, são suficientes para explicar a origem do universo. “O desejo profundo da humanidade pelo conhecimento é justificativa suficiente para nossa busca contínua” (Hawking, 2005). O autor entende que as pessoas que não possuem acesso às tecnologias estão fadadas ao insucesso. Han (2021, p. 13) vê a volatilidade das coisas, como o smartphone, seus conteúdos midiáticos que apreendem nossa atenção, como qualquer outra coisa do que conteúdo propriamente dito. Sua alternância não nos permite permanecer.

Seria a superficialidade do conhecimento em detrimento da humanidade, onde o autor ressalta o acúmulo de dados, porém, de uma forma rasa, fragmentando o saber e impedindo o aprofundamento do conhecimento e, como consequência, reduzindo também o pensamento crítico. Todas

essas mudanças que acompanhamos ao longo das últimas décadas trouxeram, além das facilidades e inovações, desafios a serem superados. A velocidade do avanço tecnológico tem sido vertiginosa, transformando todos os setores da sociedade e implicando em adaptação e aprendizado contínuo. Portanto, entender os autores citados acima e sua relação com a antropologia é crucial para que políticas públicas sejam desenvolvidas para minimizar os efeitos negativos de toda essa evolução tecnológica.

METODOLOGIA

Esta pesquisa se insere como um levantamento bibliográfico acerca de produções técnicas, científicas e culturais dentro de temas relacionados às relações do homem e a tecnologia ao longo da história. As buscas foram realizadas através de repositórios de universidades e sites de pesquisas em geral, como os Periódicos e o Google Acadêmico, onde foram encontrados livros, artigos e outras produções, como o filme “Tempos Modernos”. Os instrumentos que são utilizados na realização da pesquisa bibliográfica são: livros, artigos científicos, teses, dissertações, anuários, revistas, leis e outros tipos de fontes escritas que já foram publicados (Sousa, 2021). Sugerindo o mesmo, Fonseca (2002) lembra que a pesquisa bibliográfica se faz.

A partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de websites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o pro-

blema a respeito do qual se procura a resposta (Fonseca, 2002, p. 32).

O levantamento bibliográfico, portanto, é o primeiro passo para a construção de uma pesquisa científica, pois permite ao pesquisador conhecer melhor o fenômeno que está sendo estudado.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Diante dos autores apresentados, podemos perceber que a evolução tecnológica acompanha a humanidade desde sempre. Não satisfeitos com a pedra lascada, a roda e o fogo, o aprimoramento dos artefatos foi primordial para chegarmos até aqui. Porém, como aponta Dubar, essa constante busca pela comodidade trazida por esses artefatos tem chegado a níveis extremos de exploração do meio ambiente e da mão de obra trabalhista.

Onde estaria a comodidade tão sonhada pelos nossos ancestrais ao se ter jornadas de trabalho tão extensas? Byung-Chul Han (2021) fala sobre o desaparecimento dos rituais, como estamos nos afastando da nossa ancestralidade, porém o que se vê é o surgimento de novos rituais, novos valores e modos de ser e de se comportar, principalmente com o surgimento das redes sociais.

Podemos citar, por exemplo, os aplicativos de relacionamento que trouxeram uma nova forma de conhecer e se relacionar com pessoas, e as constantes transformações que tivemos na configuração da família tradicional nas últimas décadas, principalmente em função das mudanças no mercado de trabalho. Segundo Vilaça (2008):

O casamento católico é um dos exemplos mais flagrantes. Estudos têm revelado que muitos casais, senão a maioria, optam por este tipo de cerimônia sem que comunguem da concepção e dos dogmas da Igreja acerca do matrimônio. O casal pode ter vivido anteriormente em coabitação, recorrido a métodos

contraceptivos e defendido o divórcio ou a liberalização do aborto.

Poderíamos citar também outros rituais como os da alimentação, sobre sentar-se ou não à mesa, preparar ou não a própria refeição, e os ritos de passagem como as festas de aniversário, e formaturas que estão em constante transformação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da complexidade das interações entre o homem e a tecnologia, este artigo explorou como a incessante busca por melhorias nas condições de vida e o desejo de dominar o ambiente conduzem a um contínuo avanço tecnológico. A evolução humana é intrinsecamente ligada às inovações que superam limitações e transformam significativamente os padrões de vida e as estruturas sociais.

É fundamental reconhecer que a relação entre o homem e a tecnologia transcende o simples uso de ferramentas, adentrando áreas vastas como antropologia, sociologia, engenharia e psicologia. Estudar essa interação proporciona uma compreensão mais profunda dos impactos econômicos, éticos, sociais e existenciais que moldam nossa sociedade contemporânea. Vivendo numa era caracterizada pela rápida aceleração tecnológica, as inovações não apenas alteram a forma como vivemos, mas também desafiam concepções tradicionais do que significa ser humano.

A crescente dependência tecnológica suscita preocupações significativas sobre seu impacto na sociedade e na natureza humana. A automação ameaça empregos tradicionais enquanto guias passo a passo e redes sociais transformam decisões e interações sociais. No entanto, é inegável que a tecnologia também oferece contribuições substanciais para a educação, comunicação e progresso científico, proporcionando novas oportunidades e melhorando a qualidade de vida em muitos aspectos.



Portanto, a análise crítica dessa dinâmica homem-tecnologia não apenas revela os desafios e dilemas contemporâneos, mas também ressalta a necessidade de uma abordagem ética e responsável para orientar o desenvolvimento tecnológico futuro. Ao equilibrar os benefícios com as preocupações, podemos direcionar a inovação tecnológica de maneira a promover um progresso sustentável e inclusivo, que respeite tanto as necessidades humanas quanto os limites ambientais.

Por fim, a cultura não é algo fixo e imutável, e sim está em constante transformação. Em conclusão, a tecnologia possui o poder de transformar e de extinguir certos tipos de trabalho, mas também tem o potencial de abrir novos horizontes, tanto sociais quanto econômicos. Para poder colher os benefícios desse progresso, é fundamental adotar uma abordagem proativa que inclua políticas de requalificação e educação continuada. Sendo possível acalmar os impactos negativos da automação e garantir que a força de trabalho esteja preparada para os desafios e aproveite as oportunidades do mundo tecnológico em constante evolução. Uma transição positiva reside na capacidade de adaptação e na valorização do aprendizado ao longo da vida, permitindo que o progresso tecnológico seja um motor de inclusão e prosperidade para todos.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BRYANT, R.; KNIGHT, D. M. **The anthropology of the future**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.
- CAMPBELL, J. **As transformações do mito através do tempo**. São Paulo: Cultrix, 1990.
- CAMPBELL, J. **Para viver os mitos**. São Paulo: Cultrix, 2001.
- DUBAR, C. **A crise das identidades**: a interpretação de uma mutação. Porto: Edições Afrontamento, 2006.
- FLORIDI, L. **The fourth revolution**: how the infosphere is reshaping human reality. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- FORD, M. **Rise of the robots**: technology and the threat of a jobless future. New York: Basic Books, 2015.
- FREITAS, B. I. de; MARIN, A. H. **Aprendizagem Socioemocional e Atenção Plena no contexto escolar brasileiro**. 2. ed. Porto Alegre: Gênese, 2022.
- HAN, Byung-Chul. **O desaparecimento dos rituais**. Petrópolis: Vozes, 2021.
- HARARI, Y. N. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- HARARI, Y. N. **Sapiens**: uma breve história da humanidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- HAWKING, S. **Uma breve história do tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- INGOLD, T. **Antropologia**: para que serve? Petrópolis: Vozes, 2019.
- RITO. In: MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2024. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/rito/>. Acesso em: 15 jul. 2024.
- SOUSA, A. S. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, Carmópolis de Minas, v. 20, n. 43, p. 64-83, 2021.
- TRINDADE, G. C.; NOSELLA, P. Profissões em vias de desaparecimento: a identidade dos trabalhadores de ofício frente à ofensiva do capital. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 87-98, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/8646>. Acesso em: 8 jun. 2024.
- TURKLE, S. **Alone together**: why we expect more from technology and less from each other. New York: Basic Books, 2011.
- VERAS, H. de S. **Antropologia da Religião**. Indaial: UNIASSELVI, 2022.
- VILAÇA, H. Recomposições dos rituais contemporâneos: a peregrinação. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Porto, v. 17/18, p. 55-67, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=426539979003>. Acesso em: 10 jul. 2024.